Sara Luna



Sara Luna

Tom Maver

Tradução de Fernando Miranda

Vencedor do Prêmio de Poesia do Fondo Nacional de las Artes 2018



A homenagem, aceite-a, não esteja tão pobre! Arnaldo Calveyra



Amasadoras, Santiago del Estero c.1930. Archivo General de La Nación





Cruzes de madeira¹

Há cruzes de madeira no caminho para Tiu Chacra. Me ajude, vozinha, a seguir entre as orações que elevam os mortos do cemitério à margem da estrada.

Se alguém soltasse sua memória num campo aberto, ela ficaria paralisada, os olhos fixos na escuridão. Me arranque o medo, vozinha, me conte as lendas do vento. as transformações dos homens em mulheres, em animais, do espírito duplo de cada um, do anjo da guarda que fortalece abandonando, da cinza que passava sobre a ferida do porco castrado há pouco e da noite que passava cuidando dele. Venho do povoado onde nasceu por caminhos secundários,

¹ Ao descer do ônibus que me levou de Santiago del Estero até Villa Robles, uns 20km de distância, me deu um nó no estômago. Não sabia onde havia chegado, muito menos que estava na estrada estadual número 1, onde havia um cemitério, um mercadinho, um bar, uma escola, uma igreja. Era quase meio-dia de um dia de julho de 2015, não havia ninguém na rua. Pensei em atravessar a estrada e esperar o ônibus de volta para a cidade. Mas estava tão perto do lugar onde Sara Luna tinha nascido que sentia que tudo o que me unia a ela me empurrava a esse caminho de terra, de apenas dois quilômetros, que ia até Tiu Chacra.

aproximo meu ouvido à sua língua mestiça, às suas histórias nas horas de trabalho, à resistência da gente do campo que fez dos seus dias um treinamento do corpo para o crescimento da colheita. Fale comigo, a senhora que tão pouco falou na vida.

Nas suas mãos se encontrava o aroma de hoie²

De costas para mim, colocava as mãos no rosto. Tinha sujado a dispensa, a pia e parte do chão, como se estivesse trocando de pele, se preparando para uma delicada transformação. Quase não conseguia ver e quando cozinhava, como se provasse, untava suas pálpebras com ovo batido. Estava unida às coisas desse mundo através do mistério de cada uma delas. Isso aliviava a dor de envelhecer. Do forno tirou uma máscara feita de massa folhada. A colocou e se virou para mim. Um pulso vibra nas minhas mãos enquanto preparo, me disse. Cortando um tomate, acrescentou: Cada coisa, por menor que seja, por mais frágil que esteja, tem sua força. Depois me acariciou, como fazem os cegos: para ver, e senti que eu poderia adormecer com o cheiro dos restos de tomilho e alho. pressentindo que estes instantes vinham de antes,

² A escrita tem semelhanças com a arte de cozinhar. Sara Luna cozinhava e lembrava da sua terra natal, sentia seu cheiro, saboreava e ingeria pelos seus pratos. E eu, um ano antes de viajar para Santiago, escrevia e apareciam anedotas, lembranças, delícias de Sara Luna, sem que me propusesse a pensar nisso, algo que vinha de muito tempo atrás, ou de antes. Ela, que tinha morrido quando eu era um adolescente, me trazia a essa temporalidade, minha infância, mas eu queria me aproximar à dela. Por isso, numas férias de julho, peguei o ônibus até aquele lugar remoto. Queria me aproximar ao mais longínquo que tinha: ao nascimento dela.

de quando eu não tinha nascido e ela estava na sua cozinha no campo com uma tigela em frente à janela, batendo, preparando minha vida.

Um fio para que Sara Luna corte³

O que aconteceria, se tu, vovó, sim. tu mesma, não soubesse conjurar o mau-olhado que te lançaram, o verme que entrou no teu estômago? O que aconteceria se se cortasse o fio que te une ao passado e ficasses presa em povos fantasmas? E se as velhas receitas se tivessem perdido e não restasse ninguém que soubesse acender as fogueiras? Passaria o que sempre passa. Te recuperarias. Voltarias à faísca que não acende nem com conhecimento nem com experiência

³ Não cheguei sozinho a Tiu Chacra, uma família se ofereceu para me levar. Eram a mulher que trabalhava na salinha de primeiros socorros e seu filho. Disseram que iam me levar para conhecer a casa do mais velho dos Luna. Um antepassado vivo, foi o que pensei. A parada para a sesta em Villa Robles aumentou ainda mais minha ansiedade em atravessar o pórtico de Tiu Chacra e seguir as marcas na terra até aquela casa em uma curva do rio Dulce.

mas com a adrenalina de estar no campo, e só terias os olhos dos animais fixos no tremor das tuas mãos esfregando pedra contra pedra.

O LEVANTAMENTO PARA DENTRO⁴ Testemunho da caçula dos Fernández Madero

Veio para Buenos Aires, conseguiu trabalho como mucama. Mandou dinheiro para casa, passeou pelo centro, tanta coisa. Logo se apertou o fio que a unia ao lugar que havia deixado, à pessoa que tinha sido. Do meu quarto escutei lá no desvão, essa voz baixa das colinas, os gritos. A escutei reclamando: Não estou aqui para lavar banheiro e cozinhar para advogados. E soltou um grito estridente como a baguala que logo cantarolou enquanto me secava as lágrimas e se despedia das crianças. Disse que queria saber por onde sua família tinha se espalhado, onde podia se ouvir o canto que fala da antiguidade em que nasceram.

⁴ Com 18 anos, Sara Luna viajou sozinha para Buenos Aires, partindo do seu povoado natal. Procurou trabalho de mucama. Conseguiu um na casa dos Fernández Madero. Ali conquistou a confiança e o carinho deles. Na casa de advogados, foi muito amada e lembrada, assim como eu também a tenho.